



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal do Paraná**  
**Setor de Tecnologia**



**FABÍOLA JUNGLES DOS SANTOS LIMA TOKARSKI**

**REQUALIFICAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO:  
PRAÇAS GENEROSO MARQUES E  
JOSÉ BORGES DE MACEDO.**

**CURITIBA**

**2009**

FABÍOLA JUNGLES DOS SANTOS LIMA TOKARSKI

**REQUALIFICAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO:  
PRAÇAS GENEROSO MARQUES E  
JOSÉ BORGES DE MACEDO.**

Monografia apresentada à disciplina  
Orientação de Pesquisa (TA040) como  
requisito parcial para a conclusão do curso de  
graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor  
de Tecnologia, da Universidade Federal do  
Paraná – UFPR.

**ORIENTADOR:**

Prof. Dr. Roberto Sabatella Adam

CURITIBA

2009

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

*Orientador(a):*

---

*Examinador(a):*

---

*Examinador(a):*

---

*Monografia defendida e aprovada em:*

*Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.*

***Dedico este trabalho a Deus, por minha vida,  
ao meu marido Ricardo, pelo apoio constante e paciência,  
à minha filha Clara, por iluminar meus dias,  
e aos meus pais Moisés e Iolanda, pelo carinho e suporte.***

***Agradecimentos  
ao professor-orientador Roberto Sabatella,  
aos professores Antônio, Josilena, Key, Madianita e Malu,  
aos colegas e amigos Adrina, Bruna, Cecília, Cíntia, Juliana, Michele,  
Nelson, Wille e a todos que me ajudaram de alguma maneira  
durante a elaboração da pesquisa.***

***“(...) é enganoso pensar que os centros urbanos modernos são os responsáveis pela destruição da experiência humana. As cidades são apenas a manifestação representativa da civilização que adotamos”.***  
***Milton Santos***

## **RESUMO**

Este trabalho de pesquisa traz o embasamento teórico necessário para a primeira etapa do Trabalho Final de Graduação - TFG do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, intitulado Requalificação de Espaço Público: Praças Generoso Marques e José Borges de Macedo. Neste trabalho consta a síntese de conceitos referentes ao tema e de teorias referentes à gestão e ao planejamento urbano e da dinâmica social no espaço público. Destaca-se também a análise do entorno e do contexto em que se inserem as praças, no bairro Centro de Curitiba. Como produto, elaborou-se os princípios norteadores do projeto a ser desenvolvido na segunda etapa do TFG.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA</b>	<b>LEGENDA</b>	<b>PÁG.</b>
1	Café ao longo de canal em Utrecht, Holanda.	9
2	Esquema representativo do sentido dos lugares.	10
3	Atividade social: Praça Osório, Curitiba.	18
4	Atividade opcional: Rua XV de Novembro, Curitiba.	18
5	Gráfico: Qualidade do entorno x atividades exteriores.	19
6	Parque no Palais Royal.	22
7	Rockfeller Plaza durante o verão.	22
8	Corrida de cavalos, Piazza del Campo.	22
9	Plaza Mayor, Chinchón.	22
10	Vista aérea de Barcelona.	23
11	Plaça dels Paisos Catalans.	25
12	Plaça Reial.	25
13	Fossar de les Moreres.	26
14	Plaça del Sol.	26
15	Parc de l'Espanya Industrial 1.	27
16	Parc de l'Espanya Industrial 2.	27
17	Avinguda Gaudí.	27
18	Passeig de Picasso.	27
19	Port Vell and Moll d'Espanya.	28
20	Passeig Nacional – Moll de la Barceloneta.	28
21	Vista aérea do centro histórico de Salvador.	30
22	Rua próxima ao Pelourinho, Salvador.	30
23	Bairro Recife Antigo.	32
24	Projeto domingo na rua, no bairro Recife Antigo.	32
25	Mapa de Curitiba em 1875.	34
26	Configuração da antiga Praça Municipal (Paço no centro).	36
27	Praça Generoso Marques na década de 1930.	36
28	Mapas de situação.	37
29	Mapa da região e principais pontos de referência.	38
30	Fluxo intenso de pedestres, Rua XV de Novembro esq. Al. Dr. Muricy, durante a semana.	40
31	Bar próximo à Praça Osório.	40
32	Rua Marechal Deodoro esq. Barão do Rio Branco, em um domingo.	40
33	Movimentação próximo à Feira do Largo (atrás da Catedral), em um domingo.	40
34	Mapa de zoneamento do entorno.	41
35	Projeto de revitalização da Praça Generoso Marques 1.	42

36	Projeto de revitalização da Praça Generoso Marques 2.	42
37	Praça Generoso Marques após revitalização.	43
38	Praça José Borges de Macedo após revitalização.	43
39	Vista do Paço (ao fundo): a partir da Pç. José B. Macedo.	47
40	Mercado de flores.	47
41	Paredão cego próximo ao Paço e rua a ser fechada.	48
42	Fachada de comércio degradada.	48
43	Croqui da área de intervenção escolhida.	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	2
1.2	OBJETIVOS .....	3
1.3	JUSTIFICATIVA .....	4
1.4	METODOLOGIA DE PESQUISA .....	5
1.5	ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA .....	6
<b>2</b>	<b>CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA</b> .....	<b>7</b>
2.1	ESPAÇO PÚBLICO .....	9
2.2	DEGRADAÇÃO E REVITALIZAÇÃO .....	12
2.3	A VIDA SOCIAL ENTRE OS EDIFÍCIOS .....	17
<b>3</b>	<b>ESTUDOS DE CASO</b> .....	<b>21</b>
3.1	DOMÍNIO PÚBLICO: EXEMPLOS INTERNACIONAIS .....	21
3.2	BARCELONA E A POLÍTICA DE ESPAÇO PÚBLICO PIONEIRA .....	23
3.3	AS EXPERIÊNCIAS DE REVITALIZAÇÃO DE SALVADOR E RECIFE ...	29
<b>4</b>	<b>INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE</b> .....	<b>33</b>
4.1	HISTÓRICO DO LOCAL .....	33
4.2	ENTORNO E CONTEXTUALIZAÇÃO .....	37
<b>5</b>	<b>DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO</b> .....	<b>42</b>
5.1	DIAGNÓSTICO DO LOCAL .....	42
5.2	METODOLOGIA DE PROJETO .....	45
5.3	PROGRAMA BÁSICO .....	47
5.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>
<b>7</b>	<b>FONTES DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>54</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

Curitiba é conhecida internacionalmente como uma cidade com qualidades únicas e repleta de bons exemplos de desenho urbano e planejamento. Contudo, sempre há pontos importantes para se refletir no processo de projeto e gestão da cidade, de seus espaços e de seus habitantes.

A intenção desta pesquisa é demonstrar como transformar um espaço público em um local agradável, analisando a qualidade deste espaço e examinando as maneiras como é usado e por quem.

Através de observações, recomendações básicas e do projeto de revitalização do espaço público, pretende-se obter uma mensagem geral que poderá ser aplicada em toda a cidade.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa busca o referencial teórico para um anteprojeto de requalificação de espaço público urbano, especificamente das praças no entorno do antigo Paço Municipal de Curitiba (Paço da Liberdade): Generoso Marques e José Borges de Macedo.

O conceito de reabilitação (ou requalificação) de um espaço é de uma intervenção que preserva o ambiente construído existente, respeitando os usos e a população moradora, através da reforma na infra-estrutura existente para adaptá-la a novas necessidades. Destaca-se a importância de não descaracterizar o ambiente de intervenção, focando a preservação do patrimônio histórico, artístico, paisagístico e social da região (MARICATO, 2001).

Trabalhando no nível da paisagem urbana, busca-se uma revitalização inteligente da área, levando em consideração fluxos de pedestres e veículos, níveis de interesse e apropriação das pessoas, proposição de novos usos e levantamento de possíveis usos decadentes, tratamento de pisos e mobiliário urbano, necessidade de moradia, serviços e comércio na área, bem como a relação do local com áreas contíguas no centro da cidade, o entorno próximo e contexto.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral do presente relatório de pesquisa é levantar dados e analisar as relações sociais, o espaço público – seus usos e apropriação – e a relação de ambos com a requalificação do espaço urbano.

Através de uma intervenção pontual e não estrutural, busca-se a requalificação de um espaço específico na cidade como ponto focal para a irradiação deste modo de projetar e de gerir o espaço público no restante da cidade. Sendo assim, que o processo de análise e interpretação da realidade local e, conseqüentemente, a readequação do uso seja um modelo a ser utilizado no processo de planejamento e revitalização do centro urbano.

Como objetivos específicos pretende-se:

- analisar as definições e conceitos de degradação e revitalização (especialmente com relação a centros urbanos), de espaço público e da vida social nestes espaços;

- apontar as relações entre as pessoas e o espaço público que ocupam e suas conseqüências para o processo de projeto e gestão da paisagem urbana, considerando-se as dimensões física, comportamental e de percepções;

- identificar e analisar exemplos de intervenções em espaços públicos e seus pontos positivos (ou negativos) que possam ajudar no desenvolvimento do trabalho;

- analisar o entorno do local, bem como o contexto em que o espaço se encontra na cidade e na região;

- registrar fatos históricos e dados atuais relacionados ao local de estudo, bem como a recente reforma da área;

- propor as diretrizes e o programa básico para o projeto de requalificação do espaço público escolhido, embasados na análise realizada durante o processo de pesquisa do presente relatório.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A degradação dos centros urbanos é um tema muito discutido na atualidade e se faz urgente a busca por soluções. Congressos, pesquisas, artigos são publicados sobre o tema e há muitos teóricos sobre o assunto.

Analisando o contexto de Curitiba, pode-se afirmar que há várias ações sendo tomadas com relação ao centro da cidade. Desde organizações de comerciantes como o Centro Vivo que promove ações voltadas ao comércio do centro até as recentes reformas nas praças centrais realizadas pela prefeitura, sendo parte do Projeto Marco Zero, do IPPUC.

Uma das vertentes de sua pesquisa e de trabalhos produzidos neste campo do urbanismo é o da humanização dos espaços, ou seja, focalizar o resultado nas pessoas e para elas. Neste caso, trata-se da vida social na cidade, através do tratamento dos espaços públicos, como instrumentos de requalificação urbana. É este pensamento que adota-se nesta pesquisa e que servirá de base para o projeto a ser desenvolvido.

GEHL (2006) aponta 10 razões por que é preciso uma política para os pedestres e a vida pública no século XXI:

1. Transporte: ir de um local ao outro de maneira simples, barata e com pouco barulho;
2. Trabalho: compaixão por aqueles que têm que estar nas ruas;
3. Sustentabilidade: soluções sustentáveis, baratas, saudáveis, não poluentes, otimização de espaço e infra-estrutura, transporte público eficiente;
4. Saúde e bem estar;
5. Recreação: no meio urbano, a presença de outras pessoas é uma atração especial;
6. Social: a cidade deve ser vista como um lugar de encontro, desde grandes eventos até simplesmente ver e ouvir outras pessoas nos espaços públicos. Ver pessoas é a maior atração em uma cidade;
7. Informação e aprender;
8. Democracia e sociedade aberta: preservar e propiciar o direito de se manifestar;
9. Segurança: cidade amigável;
10. Diversão: manifestação da dimensão humana.

#### 1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente relatório é produto de uma pesquisa científica sobre o tema já especificado.

Este tipo de pesquisa inclui a seleção, coleta e sistematização de fontes bibliográficas, estudos de caso de obras correlatas, entrevistas com profissionais relacionados ao tema e visitas técnicas ao local de pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa investigativa, se faz necessária a revisão bibliográfica pela autora, de modo descritivo e crítico, servindo de embasamento teórico para o projeto. Do mesmo modo, os estudos de caso servem de base para o desenvolvimento da proposta de projeto.

As visitas técnicas são parte fundamental da pesquisa, pois a arquitetura parte do reconhecimento do local de trabalho e seu funcionamento, com observação tanto da parte material quanto humana. É nesta etapa que emergem questões subjetivas a serem estudadas e que não podem ser tratadas apenas através de dados numéricos ou planilhas.

Também são importantes as entrevistas realizadas com profissionais tanto da arquitetura, docentes e de órgãos municipais como SMMA e IPPUC, bem como psicólogos e sociólogos. Utilizou-se de entrevistas não estruturadas, por serem mais flexíveis e porque se buscava informações não muito definidas, caracterizando entrevistas informais.

## 1.5 ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho de pesquisa estrutura-se de uma maneira clara e objetiva, evoluindo na ordem dos capítulos de acordo com a abrangência do tema, a partir do mais abrangente até o ponto mais específico da pesquisa, ou seja, as diretrizes gerais do projeto.

- Capítulo 2 - conceituação temática: mais abrangente, no qual se define e analisa os conceitos de espaço público, o histórico e a atualidade da degradação urbana bem como as práticas e teorias de revitalização e a vida social entre os edifícios;

- Capítulo 3 – estudos de caso: análise de obras correlatas, primeiro com exemplos internacionais de espaços públicos e a interação social que ocorre neles, depois com um exemplo específico de espaço público e concluindo com a análise de duas intervenções de revitalização no Brasil;

- Capítulo 4 – interpretação da realidade: apresenta-se o histórico do local, a relação da área escolhida com o entorno e sua contextualização, pontos de extrema importância tanto no processo de análise presente neste relatório bem como no processo de projeto da etapa seguinte do Trabalho Final de Graduação;

- Capítulo 5 - diretrizes gerais de projeto: esta parte do relatório visa, a partir de todas as informações agregadas durante o processo de pesquisa juntamente com o diagnóstico do local apresentado, definir uma metodologia para o projeto e seu programa básico, que servirá de base para o projeto que será desenvolvido.

## 2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Desde as cidades clássicas, a busca pela beleza urbana tem sido uma constante em muitos planos e projetos urbanos. A partir do século XIX, a reflexão sobre a cidade industrial – primeiro através da definição de modelos alternativos, as vezes até utópicos, e logo depois mediante a análise de determinados processos urbanos – levou o urbanismo a uma dimensão social até então muito pouco considerada. No início do século XX, a dimensão funcional da cidade adquiriu uma importância impressionante na teoria urbanística e as novas propostas urbanas trataram de otimizar o funcionamento daquelas que se considerava as principais atividades urbanas.

No final do século XX, abre-se uma nova dimensão na cidade e no urbanismo: a dimensão socializante. Ela leva em consideração a importância que o desenho do espaço urbano, do espaço público, tem na aparição da vida social na cidade. A responsabilidade do urbanista e do desenhista urbano é constatada na medida em que estes podem potencializar a vida social na cidade e através desta impulsionar uma integração da comunidade humana que a habita.

Hoje, na teoria e na prática, cidade e sociedade se confundem cada vez mais. Isto não é à toa, já que metade das pessoas no mundo moram no meio urbano (ou seja, mais de 3 bilhões de pessoas). Somente em Curitiba para se ter uma idéia, a população estimada é de 1.797.408 de pessoas (IBGE, 2007).

MORENO (2002) afirma que é na cidade que estamos colhendo os frutos (bons ou ruins) das rápidas transformações pelas quais a civilização passou nas últimas décadas: fenômenos como a exaustão da economia industrial, a globalização financeira, a diversidade cultural, a transformação da composição familiar e os avanços das tecnologias da informação nos trazem a necessidade de rever nosso modo de vida. Hoje o fator urbano está em todas as partes e as visões dos urbanistas ou dos sociólogos têm um mesmo valor.

O planejamento urbano tradicional perdeu a vez com fatos como o esvaziamento das áreas centrais, a rápida mobilização dos grupos sociais, as novas exigências de infra-estrutura trazidas pela vida digital, a descaracterização de praças e ruas como pontos de encontro civilizados e a incerteza da segurança pública. Na

verdade, o desafio das cidades é de todos os seus habitantes, que devem conhecê-las e debatê-las sempre que possível (SANTOS, 1985).

JEUDY (2000) afirma que toda reflexão sobre a cidade passa por uma reflexão de ordem política, e de fato, política e cidade são irmãs siamesas, basta analisar a origem das palavras: ambas têm a mesma raiz grega *polis*, que significa cidade. E a cidade por excelência é a cidade clássica e mediterrânea, onde o elemento fundamental é a praça, lugar para a conversação, a disputa, a eloquência, a política (ORTEGA Y GASSET, 1998). Ou seja, além de se conceituar e analisar o processo de projeto, o local de intervenção e sua relação com as pessoas, também deve-se considerar a correta gestão do processo de revitalização proposto.

A seguir, dividiu-se este capítulo de conceituação em três partes que definem alguns conceitos importantes para o tema do presente relatório. São eles:

- Espaço público;
- Degradação e revitalização;
- A vida social entre os edifícios.

## 2.1 ESPAÇO PÚBLICO

Em um contexto urbano, os espaços livres públicos são todas as ruas, praças, largos, pátios, corredores externos, vilas, vielas e outros mais por onde as pessoas fluem no seu dia-a-dia (MACEDO, 2005). É importante definir este conceito para que não se confunda com qualquer espaço livre (ou vazio) presente na cidade. Ainda, segundo HERTZBERGER (1999), a rua é originalmente o espaço para ações, revoluções e celebrações da comunidade.

Os espaços públicos são de livre acessibilidade, de uso comum e de coesão da sociedade. Constituem a cidade tanto em sua dimensão físico-espacial quanto sociocultural, sendo que os processos que ali se desenvolvem podem dar sentido à vida pública dos cidadãos (GABRIEL, 2008).



FIGURA 1 - Café ao longo de canal em Utrecht, Holanda.

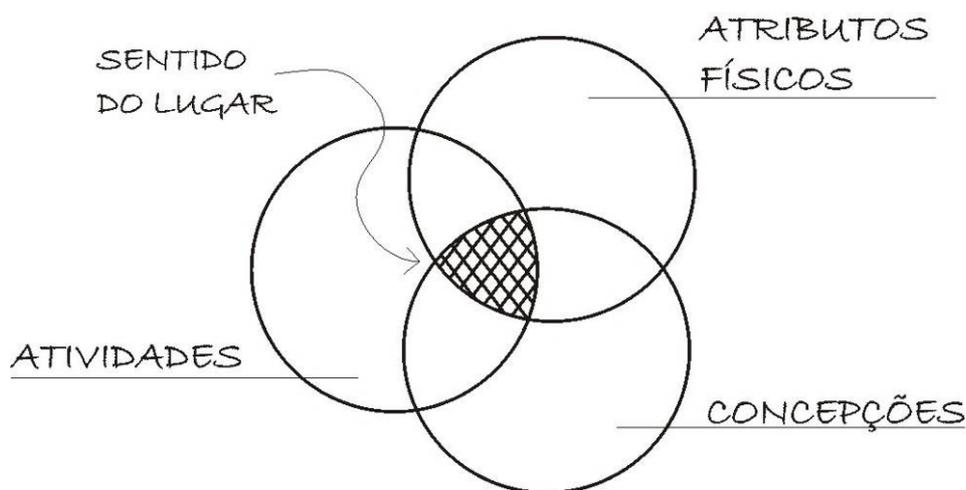
Fonte: Travel Webshots, 2005.

Uma paisagem é determinada pela associação de volumes construídos e espaços livres, ou seja, aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho (MAGNOLI, 1983). Do mesmo modo que um edifício, os espaços livres são definidos por planos verticais (construções, muros, morros, árvores, maciços verdes) e horizontais (céu, copas das

árvores e piso). Estes elementos obedecem a lógicas diversas de associação, sempre vinculadas a formas de propriedade do solo.

A percepção ambiental de um espaço se dá dos modos mais diversos e há vários teóricos que tratam do assunto. RICOT (2005) classifica a leitura do espaço que nos cerca basicamente de três formas: com os sentidos, com a memória (real ou induzida, pessoal ou coletiva) e com a informação que chega até nós pelos mais diversos meios.

CANTER (1977) afirma que a qualidade físico-ambiental dos espaços urbanos é gerada na sobreposição de três esferas de nossa consciência: atividades ou usos, atributos físicos propriamente ditos e as concepções ou imagens. Pode-se afirmar que para o ser humano o espaço e a forma somente passam a fazer sentido a partir do momento em que esta qualidade é sentida através destas três áreas de consciência.



*Dimensões física + comportamental + percepções*

FIGURA 2 - Esquema representativo do sentido dos lugares, baseado em CANTER, 1977.

Fonte: DEL RIO, 1990.

LYNCH (2006) também leva em consideração (além do significado social de uma área, sua função e sua história) o conteúdo das imagens que remetem à forma física da cidade, bem como seus efeitos perceptíveis, classificando-os em cinco elementos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Também denota sobre a existência de algumas funções fundamentais que as formas da cidade podem expressar (circulação, usos principais do espaço urbano, pontos focais chaves) e

que se este ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o usuário poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações (ou seja, a sua apropriação).

A vida de um espaço público está diretamente ligada à possibilidade da sua constante apropriação por seu usuário. Sendo assim, quanto mais possa ser apropriado (e obviamente mantido), maior será sua aceitação social e por mais tempo será mantida sua identidade. A percepção é um importante instrumento mediador entre o homem e o meio ambiente urbano, sendo que as qualidades e necessidades de um determinado espaço são variáveis em grupos, culturas e épocas (KOHLSDORF, 1996).

Para GEHL (2006) um espaço público é bom quando nele ocorrem muitas atividades não indispensáveis, quando as pessoas vão a um lugar com um fim em si mesmo: para desfrutá-lo.

## 2.2 DEGRADAÇÃO E REVITALIZAÇÃO

O processo de degradação dos centros urbanos é um dos pontos mais discutidos dentro do contexto de planejamento das cidades atualmente. Muitos são os motivos que podem ser apontados como causadores deste abandono e subutilização dos centros, mas este processo agravou-se durante o século XX, principalmente após o urbanismo modernista.

Para DEL RIO (1999), a lógica modernista foi da busca por um ideal racional-tecnocrata, gerando uma renovação urbana indiscriminada e construindo ambientes simplórios, assépticos e desprovidos da riqueza sócio-cultural típica dos centros urbanos tradicionais. Ou seja, estes projetos acabavam por gerar espaços monofuncionais que não tinham a preocupação de conservar o valor do patrimônio histórico e do desenho da cidade tradicional no imaginário da população.

Outro processo ocorrido é o do esvaziamento das áreas centrais, que começaram a ser substituídas por outras regiões ou áreas da cidade. Estas passaram a concentrar funções antes desenvolvidas no centro, gerando atração de investimentos e de consumo de setores mais abastados e tornando-se muito mais rentáveis ao mercado imobiliário e à indústria do entretenimento (ou seja, melhor possibilidade de retorno imediato). Até mesmo a sede da prefeitura abandonou o centro em alguns casos, o que é feito geralmente com a intenção de adensar e valorizar outra região de uma cidade.

Somando a isso, outro ponto a ser considerado nesta linha do tempo é a questão social derivada de um processo de urbanização conturbado, muitas vezes desorganizado, gerando altos índices de violência, ocupações irregulares e ilegalidade no processo de configuração espacial. Há também falta de recursos públicos para gerenciar todo este processo ou de interesses do setor imobiliário que falam mais alto do que propiciar um espaço urbano planejado e democrático. Muitas iniciativas e planos para estas áreas acabam sendo desvirtuados antes mesmo de sua implantação.

MARICATO (2000) afirma que o grande motor dos investimentos públicos está na construção de novos centros. Esta postura encoraja o desenvolvimento horizontal das cidades, gerando uma expansão da ocupação e uma necessidade constante de reconfiguração do sistema de tráfego, de transportes, equipamentos

urbanos e de infra-estrutura, aumentando os custos para a municipalidade. Esta maneira de pensar o processo de ocupação espacial, com a atenção do mercado voltada para locais não popularizados, gera um efeito *bola de neve*: a disseminação de shopping centers e outros pólos de atração provoca o declínio dos centros tradicionais, seja pelo fato destes não estarem preparados para receber aqueles novos elementos ou por não serem competitivos. As cidades de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento acabam constituindo ilhas em determinados locais que mimetizam o Primeiro Mundo, onde residem os detentores do capital, cercados de *cidades ocultas* muitas vezes ignoradas pelo Estado.

Revitalizar o patrimônio construído - espaços e estruturas centrais - é menos dispendioso financeira e ambientalmente, evitando o uso desnecessário de recursos naturais, energia e de impactos da produção necessários para urbanizar novas áreas.

Os processos de revitalização/reabilitação/requalificação urbana são uma constante em inúmeras iniciativas de planejamento urbano do Brasil e da América Latina contemporânea. Desde meados dos anos 1990, a importância deste tipo de projeto vem crescendo com relação a outras formas de intervenção nas cidades do continente. Na maioria dos casos, a revitalização está associada a áreas patrimoniais ou de interesse cultural e artístico, especialmente os centros históricos (funcionais ou mais antigos), mas também há outros tipos de áreas sendo objeto destes projetos, como zonas portuárias e ferroviárias, zonas de armazenagem e transbordo de mercadorias, áreas residenciais e outras (ZANCHETTI, 2003).

Ainda segundo ZANCHETTI (2003), em termos conceituais, a maioria das propostas de revitalização urbana são baseadas ou inspiradas na abordagem da conservação integrada, a qual vem sendo usada explícita ou implicitamente em planos e proposições de intervenção em áreas urbanas de interesse patrimonial.

A conservação integrada tem origem no urbanismo reformista italiano dos anos 1960/70, mais especificamente da experiência de reabilitação do centro histórico da cidade de Bolonha, a qual foi iniciada no final da década de 1960 e conduzida por políticos, administradores, planejadores e arquitetos. O impacto dessa proposta ultrapassou os limites da Itália e foi adotada em 1975 pelo Conselho da Europa como diretriz para o planejamento urbano para centros históricos. Neste mesmo ano, o Conselho se reuniu e produziu a Declaração de Amsterdã, como orientação para implantação dessa diretriz. Também nesta mesma oportunidade

criou-se o Manifesto de Amsterdã, o qual apresentou pela primeira vez uma sistematização da conservação integrada, baseada em uma série de princípios de ação, as quais podem ser resumidas em:

- O patrimônio arquitetônico contribui para tomada de consciência da comunhão entre história e destino.

- O patrimônio arquitetônico é composto de todos os edifícios e conjuntos urbanos que apresentem interesse histórico ou cultural, incluindo qualquer parte da cidade, inclusive a moderna.

- O patrimônio é uma riqueza social e sua manutenção deve ser uma responsabilidade coletiva.

- A conservação do patrimônio deve ser considerada como objetivo principal da planificação urbana e territorial.

- As municipalidades são as principais instituições responsáveis pela conservação e devem trabalhar de forma cooperada.

- A recuperação de áreas urbanas degradadas deve ser realizada sem modificações substanciais da composição social dos residentes nas áreas reabilitadas.

- A conservação integrada deve ser calcada em medidas legislativas e administrativas eficazes.

- A conservação integrada deve ser apoiada por sistemas de fundos públicos que apoiem as iniciativas das administrações locais.

- A conservação do patrimônio construído deve ser assunto dos programas de educação, especialmente dos jovens.

- Deve ser encorajada a participação de organizações privadas nas tarefas da conservação integrada.

- Deve ser encorajada a construção de novas obras arquitetônicas de alta qualidade, pois elas serão o patrimônio de hoje para o futuro.

ZANCHETTI (2003) define conservação integrada como o modo de abordar o planejamento e a gestão do patrimônio cultural urbano, no qual planejamento e gestão de áreas urbanas de interesse patrimonial devem estar integradas nos processos mais gerais de planejamento e gestão das cidades e dos territórios, dentro de uma visão multidimensional integrada (econômica, política, cultural, ambiental e físico-espacial).

Em uma abordagem mais recente, a partir dos anos 1990, desenvolvimento sustentável e conservação integrada são conceitos indissociáveis. Esta é uma abordagem ambiental e cultural, a qual utiliza em termos de proposições práticas para a revitalização de áreas urbanas, dois recursos metodológicos complementares.

O primeiro recurso consiste na utilização dos princípios mais clássicos da conservação integrada para uma leitura dos territórios urbanos, levando em consideração que a cidade é o fruto de um longo processo histórico de transformação que deixa seus sinais. Ou seja, o território é o campo de manifestação e representação da diversidade da cultura, ele passa a ser visto de uma perspectiva antropológica. A questão central nesta discussão, segundo ZANCHETTI (2003), é como a ação pública planejada pode contrapor-se aos processos homogeneizantes do território, a standardização de artefatos e dos processos, sem barrar o processo de inovação.

O segundo recurso metodológico é praticamente um desdobramento do anterior e utiliza a conservação integrada para uma leitura da cidade sob as análises morfológica e tipológica. A ação do planejamento neste caso, leva a ação do planejamento a tratar da cidade de maneira específica e adaptada às peculiaridades de cada localidade urbana.

Para uma transformação qualitativa das cidades contemporâneas, CAMPUS VENUTI (2003) identifica alguns pontos relevantes que interferem de maneira negativa ou positiva nesta urbanística de terceira geração:

- A descentralização industrial das grandes cidades, juntamente com a formação de novos grupos de trabalhadores industriais nas cidades médias e pequenas em regiões tradicionalmente agrícolas;
- A criação de novas centralidades e a terceirização diferenciada dos lugares centrais das grandes cidades, com a criação de serviços privados elitizados em oposição a serviços sociais de massa;
- O aumento da demanda produtiva e popular por transportes de massa intra e interurbanos;
- A reutilização do estoque de construções abandonadas ou subutilizadas e aproveitamento dos espaços vazios no interior das áreas urbanas, ou para utilização social ou para a criação de novas centralidades terciárias;

- O aumento, a recuperação e a melhoria da qualidade das áreas naturais e de uso recreativo, ou reserva ambiental;
- A crise do processo participativo na gestão urbana e o aumento de grupos de pressão de interesse setorizado e de abrangência supra-urbana tornam a gestão urbana dirigida para a solução de problemas da produção da economia urbana, em oposição aos problemas sociais;
- O financiamento de reforma urbana local, cujos projetos de abrangência regional, nacional ou global ultrapassam os limites de geração de recursos locais;
- O planejamento urbano que trata da cidade como um todo diverso que requer ações diferenciadas e com investimentos concentrados em áreas urbanas consideradas estratégicas.

## 2.3 A VIDA SOCIAL ENTRE OS EDIFÍCIOS

Se a cidade é um lugar de encontro por excelência, então mais que qualquer outra coisa, a cidade é o seu espaço público para os pedestres. As pessoas não podem permanecer no espaço dos automóveis nem no espaço privado que não lhes pertence. Segundo PEÑALOSA (2006), a quantidade e a qualidade do espaço público de pedestres determina a qualidade urbanística de uma cidade.

Para sua realização mais plena, o ser humano necessita, por exemplo, caminhar, ver pessoas, estar com outras pessoas. E a cidade deve ter características que propiciem este contato com outros.

KOHLSDORF (1996) já afirmava que a percepção é um importante instrumento mediador entre o homem e o meio ambiente urbano, sendo que as qualidades e necessidades de um determinado espaço são variáveis em grupos, culturas e épocas.

É neste conceito que o espaço público é fundamental na construção da comunidade e da qualidade de vida de todos. Analisar a vida social que se desenrola nele esclarece sobre as relações de ambos e nos leva a um princípio para o desenho urbano: primeiramente a vida social, depois o espaço público e por último, o edifício.

As atividades exteriores a serem realizadas nos espaços públicos, ainda segundo GEHL (2006), podem ser divididas em três categorias, cada uma com exigências muito distintas do entorno físico:

a) atividades necessárias: incluem as que são obrigatórias, como ir à escola, ao trabalho, sair às compras, esperar o ônibus ou uma pessoa, ou seja, todas as atividades ou tarefas cotidianas nas quais as pessoas tem alguma obrigação de participar. De modo geral, elas estão relacionadas com a ação de caminhar. Como as atividades deste grupo são necessárias, como o próprio nome diz, elas acontecem durante o ano todo e em quase todo tipo de condições;

b) atividades opcionais: são aquelas em que se participa por vontade própria e se o tempo e o lugar permitem fazê-las. Elas incluem atividades como sair para tomar um ar fresco, passear à vontade ou sentar-se e tomar sol. Elas somente se realizam quando as condições externas são favoráveis, quando o tempo e o lugar convidam a fazer. É especialmente importante sua relação com a configuração

física, já que a maioria destas atividades recreativas agradáveis de se fazer em um meio exterior pertencem a esta categoria;

c) atividades sociais: são todas aquelas que dependem da presença de outras pessoas nos espaços públicos, como brincadeiras de crianças, as saudações e conversas, atividades comunitárias e os contatos de caráter passivo como ver e ouvir outras pessoas. Estas atividades também poderiam ser chamadas de resultantes, pois quase todas elas são resultado de outras: quando as pessoas estão num mesmo lugar, encontram uma às outras ou se cruzam em um mesmo espaço. Pode-se afirmar que as atividades sociais acontecem como consequência direta das atividades necessárias e opcionais e se reforçam quando estas proporcionam melhores condições nos espaços públicos.



FIGURA 3 - Atividade social: Praça Osório, Curitiba.  
Fonte: AUTORA, 2008.



FIGURA 4 - Atividade opcional: Rua XV de Novembro, Curitiba.  
Fonte: NOGUEIRA, 2007.

GEHL (2006) aponta que, quando os ambientes exteriores são de pouca qualidade, neste espaço somente acontecerão as atividades estritamente necessárias.

Se os ambientes exteriores são de boa qualidade, as atividades necessárias podem ter a mesma frequência, mas tendem a durar mais pois as condições físicas são melhores. Também se abrirá uma ampla gama de atividades optativas, pois agora o lugar e a situação convidam as pessoas a parar, sentar-se, comer, jogar.

O gráfico a seguir exemplifica a relação entre a qualidade dos espaços exteriores e o índice de aparição de atividades exteriores. Quando a qualidade das áreas externas é boa, as atividades opcionais se produzem com uma frequência crescente. Na medida que aumentam os níveis de atividade opcional, o número de atividades sociais se incrementa consideravelmente:

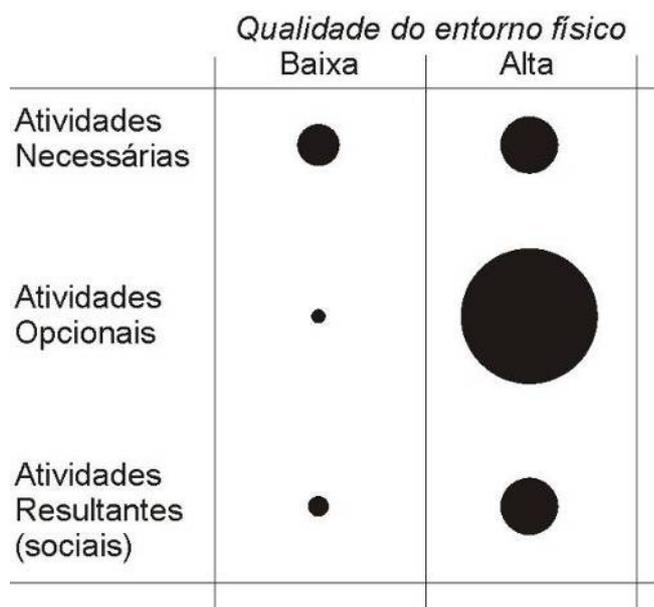


FIGURA 5 - Gráfico: Qualidade do entorno x atividades exteriores.

Fonte: GEHL, 2006.

Nas ruas e espaços públicos urbanos de pouca qualidade, só há lugar para o mínimo de atividade e as pessoas passam rapidamente por eles. Um bom entorno torna possível uma grande variedade de atividades humanas completamente distintas. WHITE (2001) descreve a estreita relação entre as qualidades do espaço urbano e as das atividades urbanas e como algumas pequenas alterações físicas podem melhorar sensivelmente o uso do espaço urbano.

Esta conexão é um ponto muito importante a ser levado em consideração na configuração física. Um espaço repleto de atividades e acontecimentos, de inspiração e estímulos, supõe uma das qualidades mais importantes dos espaços públicos.

Nos centros das cidades as relações sociais tendem a ser mais superficiais, com contatos passivos. Mesmo assim, ver e ouvir pessoas desconhecidas pode ser uma atividade modesta, porém muito atrativa. Isto porque estar com outras pessoas,

ver e ouvi-las, receber estímulos constituem experiências positivas, uma alternativa a estar sozinho. Não se está com determinada pessoa, mas estamos com outros.

Diferentemente de experiências indiretas com outras pessoas através de televisão, filmes e internet, nos espaços públicos o próprio indivíduo está presente, participando em maior ou menor medida da ação que se passa. Este contato que pode até ser de baixa intensidade é importante, pois a partir dele podem surgir outras formas de contato. É um meio para o imprevisível, o espontâneo, o imprevisto.

Esta oportunidade de ver e ouvir outras pessoas na cidade também implica uma oferta de informação valiosa sobre o entorno social que nos rodeia e sobre as pessoas com quem convivemos ou trabalhamos.

Outra necessidade importante é a de receber estímulos. Este contato com os outros também é propício para isto e oferece muitas variações sensoriais, pois não há um momento igual ao outro quando se está circulando entre as pessoas e o número de situações e estímulos novos é ilimitado.

### 3. ESTUDOS DE CASO

#### 3.1 DOMÍNIO PÚBLICO: EXEMPLOS INTERNACIONAIS

Podemos definir a casa de alguém como seu domínio privado e, por consequência, a rua e a praça é o domínio público. Estes lugares são basicamente a expressão da pluralidade de componentes individuais e constituem o espaço no qual deve se tornar possível um diálogo entre seus freqüentadores.

Quando um espaço é tido como belo, não é somente por suas dimensões e proporções agradáveis, mas também pela maneira como ele funciona dentro da cidade como um todo (HERTZBERGER, 1999). A seguir, alguns exemplos destes espaços:

- *Palais Royal - Paris, França*: em 1780, foram construídas filas de casas com galerias de lojas nos três lados do que antes foi um jardim do palácio. Hoje, este é um dos espaços públicos mais abrigados da cidade, ao mesmo tempo em que serve como um importante atalho da área do Louvre até a Biblioteca Nacional. O pequeno parque tem sua qualidade espacial e sua atmosfera agradável tanto das proporções dos edifícios articulados à sua volta, bem como do layout diversificado, com áreas de grama, cadeiras, bancos, tanques de areia e um café ao ar livre para os freqüentadores escolherem.

- *Rockefeller Plaza - Nova York, Estados Unidos*: essa praça rebaixada que fica no coração de Nova York, funciona como uma verdadeira sala de estar urbana: no verão é um café e no inverno transforma-se em uma pista de patinação no gelo. Os transeuntes podem experimentar certa sensação de companheirismo, como num teatro ou em outro lugar onde as pessoas se reúnem, mas que aqui surge espontaneamente graças às condições espaciais que foram criadas.

- *Piazza del Campo - Siena, Itália*: sua forma fechada e localização excepcional dão a impressão de uma verdadeira sala de estar urbana. Embora um pouco centrada em seu interior, com seus edifícios austeros, sua cavidade em forma de pires com becos íngremes que dali se irradiam, criam uma atmosfera de abertura e luz. O lado ensolarado está repleto de cafés ao ar livre, freqüentados o ano inteiro. Anualmente é realizada uma corrida de cavalos com competidores dos vários bairros

da região, a praça fica cheia de uma multidão que vai assistir a corrida e as janelas das casas ficam apinhadas de expectadores.

- *Plaza Mayor - Chinchón, Espanha*: nesta pequena cidade ao sul de Madri, a praça do mercado central se transforma numa arena durante a corrida de touros anual. Esta praça com a forma de um anfiteatro grego situada na depressão da encosta de uma colina, está inteiramente cercada por edifícios, com lojas e cafés nas galerias e moradias nos andares superiores. Todas elas possuem varandas de madeira que vão de um lado ao outro da fachada, unindo-se e formando um círculo contínuo de fileiras que dão frente para a praça. Estas moradias particulares, localizadas em lugares proeminentes e estratégicos na vida da comunidade, assumem temporariamente condição pública.



FIGURA 6 - Parque no Palais Royal.  
Fonte: No time for blogging, 2006.

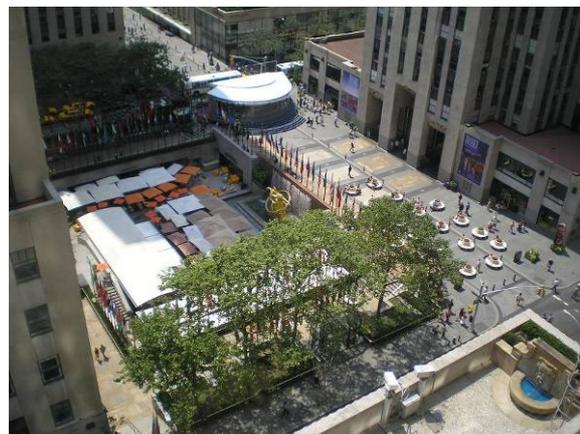


FIGURA 7 - Rockefeller Plaza durante o verão.  
Fonte: Shankbone, 2006.



FIGURA 8 - Corrida de cavalos, Piazza del Campo.  
Fonte: AFP, 2007.

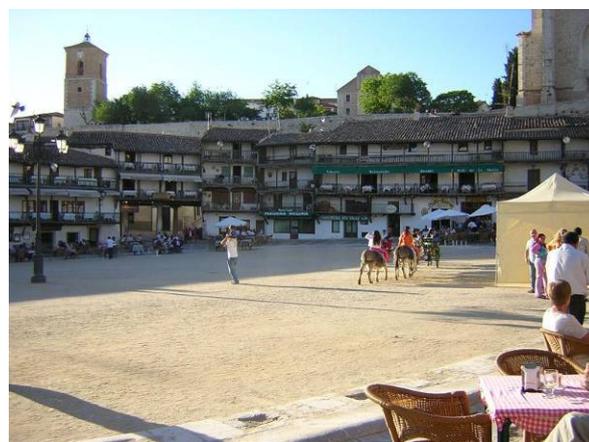


FIGURA 9 - Plaza Mayor, Chinchón.  
Fonte: Travel webshots, 2005.

### 3.2 BARCELONA E A POLÍTICA DE ESPAÇO PÚBLICO PIONEIRA

Nas últimas décadas, Barcelona tem servido de exemplo e inspiração para aqueles que trabalham com espaços públicos. Lá é possível observar vários exemplos diferentes de novas praças e parques e muita experimentação nos projetos.

A cidade tem sido radical e imaginativa na implementação de sua política de espaço público: renovação urbana. Em apenas uma década, centenas de parques novos, praças e passeios públicos foram criados pela demolição de edifícios, armazéns e fábricas em ruínas, bem como pela renovação de praças existentes e regulamentação do tráfego para beneficiar os pedestres.

Barcelona possui quase 3 milhões de habitantes, seu centro é denso e compacto, pois reflete séculos de crescimento populacional dentro dos limites dos muros da cidade, assim como aconteceu em várias outras cidades européias antigas. Quarteirões compactos entrelaçados por ruas estreitas são limitados por um perímetro de edifícios altos a cada lado da Rambla, a qual conecta o porto com a Praça Catalunya.



FIGURA 10 - Vista aérea de Barcelona.

Fonte: VITRUVIUS, 2007.

Ao redor da cidade antiga está a nova área urbana que se expandiu rapidamente após a demolição dos seus muros no final do século XIX, seguindo o plano novo e radical de Ildefons Cerdà. Uma grande retícula com amplas vias públicas conectadas à cidade antiga, atravessada por largos boulevares diagonais: um plano base para uma cidade nova e verde, com blocos quadrados e esquinas chanfradas. Hoje, esta parte nova é muito densa e a cidade é uma das mais densamente construídas na Europa.

Durante o período da longa ditadura de Franco, houve uma negligência muito grande e várias áreas urbanas foram construídas na periferia da cidade sem nenhum tipo de planejamento, com problemas de tráfego e de infra-estrutura como conseqüências.

Com as eleições em 1979, a primeira desde a Guerra Civil Espanhola em 1939, um novo governo chegou ao poder e com ele também várias iniciativas nas mais diversas frentes. A prefeitura nomeou Oriol Bohigas, diretor da escola de arquitetura, como consultor de desenho urbano. O planejamento mudou então da tradicional planificação de função e área a longo prazo para uma política urbana ativa, na qual o setor público iniciou a renovação.

O surgimento dos espaços públicos como uma resposta à necessidade das pessoas por um lugar para se reunir, em verdadeira tradição democrática e como criação de espaços amplos para o pedestre, caracteriza a política urbana de Barcelona (GEHL & GEMZOE, 2002).

No centro antigo, muitas praças foram criadas a partir da demolição de edifícios existentes, deixando espaço para novos lugares de encontro no denso coração da cidade. Nas áreas perimetrais, as melhoras foram direcionadas para criar espaços de encontro nestes locais que se expandiram durante os anos 1960 e que eram carentes de identidade e espaços públicos.

Esta nova política gerou melhorias pontuais rápidas e visíveis por toda a cidade. Ao mesmo tempo, estes avanços tiveram um efeito que contagiou a iniciativa privada, como por exemplo, na renovação urbana e substituição de muitos edifícios arruinados. Houve um renascimento da cidade, o que impulsionou também sua plataforma para os gigantescos projetos olímpicos que se tornaram a locomotiva econômica do planejamento subsequente.

Arquitetura e escultura tiveram papel essencial no desenho de semblante público de Barcelona. Cada espaço público passou a ter uma obra de arte de um

artista de prestígio internacional e suas características exclusivas eram enfatizadas pelo seu próprio desenho, dando a cada bairro uma plataforma pública para qualquer ocasião.

Os primeiros projetos desde o final da década de 1970 e início dos anos 1980 estavam localizados no centro da cidade antiga e utilizavam materiais e mobiliário tradicionais. Houve renovação de pavimento de praças antigas, como na Praça Reial, e outras praças criadas a partir da demolição de edifícios existentes, como a Praça de la Mercè. Fora do centro, as praças e parques são diferentes, com experimentações em formas de expressão, espaços, mobiliário e materiais de desenho contemporâneo, como por exemplo na Praça dels Paisos Catalans. Em todos os casos, porém, sempre pode-se notar a refinada tradição catalã com relação ao detalhamento e escolha de materiais.

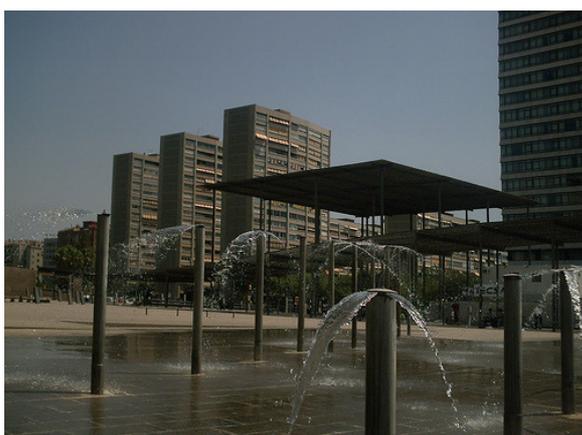


FIGURA 11 - Plaça dels Paisos Catalans.

Fonte: Conexão, 2009.



FIGURA 12 - Plaça Reial.

Fonte: Elbaz, 2006.

O conjunto de espaços públicos de Barcelona abrange uma grande variação de desenhos de iluminação, mobiliário e pavimentações e não existe um padrão restrito de materiais ou linguagem urbana. Um banco ou poste de luz é desenhado para um local específico, com sua própria identidade, e com o tempo, alguns elementos foram adotados em outras localizações. Um inconveniente possivelmente enfrentado posteriormente foi o de manutenção desta grande variedade de detalhes.

## Tipos de espaços públicos

Segundo GEHL & GEMZOE (2002), é possível identificar alguns tipos principais de espaços públicos em Barcelona dentre os vários espaços urbanos renovados.

As praças duras servem como salas de estar urbanas, lugares de encontro para as pessoas. Apresentam superfícies e mobiliário de pedra, às vezes suavizados por árvores. Nesta categoria, há exemplos de praças surgidas a partir da demolição de edifícios arruinados (Plaça de la Mercè, Plaça de Sant Cugat, Fossar de les Moreres), pela renovação de praças existentes (Plaça Reial, Plaça de d'Àngel, Plaça del Sol) ou praças de pedestres em áreas de tráfego (Plaça de les Basses de Sant Pere, Plaça de Navas, Plaça dels Paisos Catalans).



FIGURA 13 - Fossar de les Moreres.

Fonte: Flickr, 2009.



FIGURA 14 - Plaça del Sol.

Fonte: Enfocado, 2005.

Outros espaços mais amenos seriam as praças de cascalho, lugares para descansar e jogar, geralmente com uma área de cascalho como elemento central. Exemplos disso são o Jardí de la Indústria e a Plaça de la Hispanitat.

Muitos parques novos foram concebidos como oásis urbanos, espaços recreativos dispersos pelos distritos da cidade, com grande variedade de elementos, espaços e oportunidades para atividades e sossego, com elementos paisagísticos verdes, áreas de cascalho, superfícies de pedra e água, em forma de pequenas lagoas, fontes ou cascatas. Os principais exemplos destes parques são o Parc del Clot, Parc de Joan Miró, Parc de la Pegaso, Plaça de Sóller e Parc de l'Espanya Industrial.



FIGURA 15 - Parc de l'Espanya Industrial 1.

Fonte: World Travel Images, 2004.



FIGURA 16 - Parc de l'Espanya Industrial 2.

Fonte: World Travel Images, 2004.

Outros tipos de espaços são os passeios urbanos, nos quais lugares para andar, sentar, descansar ou jogar foram dispostos no meio de dinâmicos boulevares. São uma nova interpretação do conceito da Rambla, com a coexistência de tráfego de pedestres, carros e atividades recreativas. Alguns exemplos são a Avinguda d'Icària, Avinguda Gaudí, Via Júlia, Passeig de Picasso, Moll de Bosch i Alzina. Na cidade também existem outras numerosas ruas de pedestres de desenho mais tradicional.



FIGURA 17 - Avinguda Gaudí.

Fonte: Conexão, 2009.



FIGURA 18 - Passeig de Picasso.

Fonte: Conexão, 2009.

Por fim, o passeio marítimo, o qual possui diversos bons exemplos do encontro da cidade com o mar. Seus espaços públicos possuem grandes superfícies e detalhes de acabamento com soluções refinadas, como por exemplo no Passeig Nacional – Moll de la Barceloneta.



FIGURA 19 - Port Vell and Moll d'Espanya.  
Fonte: Travel Webshots, 2004.



FIGURA 20 - Passeig Nacional – Moll de la Barceloneta.  
Fonte: Panoramio, 2007.

### 3.3 AS EXPERIÊNCIAS DE REVITALIZAÇÃO DE SALVADOR E RECIFE

Os anos 1990 são ricos em experiências de revitalização no Brasil. Desde os finais dos anos 1980, começaram a surgir planos de revitalização em importantes cidades do país. Essas experiências vieram como resposta em políticas locais de desenvolvimento e têm como objetivo criar novas formas de agregar valores na economia urbana local, utilizando uma forma bem específica de riqueza ambiental: os bens urbanos patrimoniais (ou histórico-culturais).

São projetos de desenvolvimento econômico voltados, em geral, para a revitalização de áreas urbanas deprimidas, subutilizadas, abandonadas ou ocupadas por grupos sociais de baixa renda, que perderam sua vitalidade econômica, mas que são possuidoras de grande qualidade em seu ambiente construído e de grande significado simbólico para a população local, regional ou mesmo nacional.

Estes projetos de revitalização buscavam melhorar a qualidade ambiental de áreas patrimoniais para a sua reversão a usos de serviços de recreação e divertimento e serviços turísticos. Em todas as experiências também esteve presente uma estratégia de formação de uma nova imagem da cidade.

Destaca-se a seguir, duas experiências brasileiras de revitalização com estratégias de desenvolvimento local: a do Pelourinho, em Salvador-BA, e a do bairro do Recife, no Recife-PE.

No caso do Pelourinho, por sinal um projeto bastante polêmico, as avaliações de impacto do projeto têm se concentrado na transferência da população tradicional de baixa renda da área (gentrificação) e na descaracterização e perda de autenticidade do patrimônio urbanístico e arquitetônico. Pouco ainda foi analisado do impacto econômico da enorme quantia de recursos públicos aplicados na implantação do plano e na estratégia de gestão baseada na sua condução pelo Governo do Estado.

Nesse projeto, obteve-se a propriedade dos imóveis mediante a posse dos abandonados ou de contratos de comodato. Todo o investimento de recuperação física das edificações foi feito pelo governo e os imóveis foram cedidos ou alugados a instituições culturais e empresas de serviço e comércio a preços abaixo do mercado. Nos primeiros anos (correspondentes às três primeiras fases do projeto), ocorreu uma grande mudança no perfil dos negócios instalados, devido à

incapacidade do mercado absorver os serviços ofertados. Os empreendimentos que fracassaram foram substituídos por meio de processos mais ajustados ao mercado imobiliário e de negócios da cidade. Apesar destes ajustes e do mudança do projeto geral, com a inclusão de recuperações de edificações para habitação, continua alta a taxa de investimento público, relativamente à privada, bem como a transferência de fundos públicos para negócios particulares (ZANCHETI, 2003).

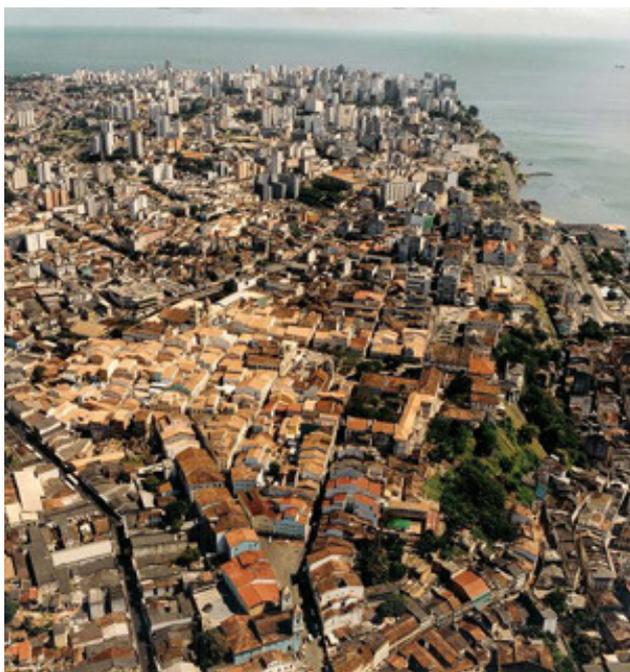


FIGURA 21 - Vista aérea do centro histórico de Salvador.

Fonte: Monumenta, 2009.



FIGURA 22 - Rua próxima ao Pelourinho, Salvador.

Fonte: Araújo, 2009.

Em 2003 o projeto de restauração do Pelourinho passou por uma importante modificação, com o propósito de iniciar a reparação do processo de gentrificação, ou seja, a conversão de uma área antiga em um bairro mais afluente refletiu em um aumento do valor do imóveis e a expulsão da população original mais pobre (MONTEIRO, 2002).

Tomou-se providências para garantir a permanência das famílias na área, oferecendo moradia em imóveis tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nos anos anteriores, os moradores do centro histórico de Salvador foram deslocados da área e alguns se organizaram e criaram uma associação que, junto ao Ministério Público, promoveu uma ação para corrigir a distorção verificada em todas as etapas anteriores. Após um intenso trabalho de

negociação celebrou-se um Termo de Ajustamento de Conduta, assinado com o governo do Estado da Bahia. Na área das obras da sétima etapa, 103 famílias serão realocadas. Elas residirão em edifícios transformados em apartamentos de um, dois e três dormitórios, com áreas de 26 a 55 m<sup>2</sup> (MONUMENTA, 2008).

Verifica-se, de modo geral, que este projeto é comandado segundo uma perspectiva centralista, típica do planejamento urbano dos anos 1970, com o uso do turismo e da cultura como ferramentas para o processo de revitalização.

No caso do bairro do Recife, a estratégia de implantação merece alguma atenção. O grande diferencial com relação ao projeto anterior está no fato de que os investimentos públicos foram pequenos, mas tiveram um efeito multiplicador substancial, com forte resposta do setor privado (ZANCHETI, 1998). Além disso, a gestão do processo de implantação foi conduzida de modo partilhado com o setor privado e por um tempo muito mais longo.

Este processo de revitalização partiu da premissa da transformação dos usos existentes e da revitalização de espaços urbanos subutilizados, pois a área no início dos anos 1990 estava praticamente vazia. A ação pública concentrou-se basicamente na melhoria de infra-estrutura e na qualificação dos espaços públicos, além da recuperação direta de alguns pouco imóveis.

A atração de investimentos privados tem sido realizada por meio de negociação continuada do município com possíveis investidores privados. O papel do poder público é o de facilitar a negociação entre proprietários de imóveis e investidores e ajustar o tipo e o cronograma de suas ações sobre a infra-estrutura e o espaço público, facilitando a execução de projetos (ZANCHETI, 2003).

A implantação do plano começou, em 1993, com o governo municipal em parceria com vários agentes privados - como a Fundação Roberto Marinho e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Em 1996, segundo os pesquisadores, o quadro de degradação da área estava completamente revertido.

No entanto, LEITE (2001) afirma que qualquer intervenção que melhore as possibilidades de usos dos espaços públicos da cidade é válida, mas que neste caso houve também um processo de gentrificação, acarretando forte exclusão social, espacializou-se as atividades de lazer do bairro, numa espécie de zoneamento da diferença.



FIGURA 23 - Bairro Recife Antigo.

Fonte: Manguetown, 2009.



FIGURA 24 - Projeto domingo na rua, no bairro Recife Antigo.

Fonte: O Olho Interativo, 2008.

Segundo LEITE (2001), é preciso questionar a quem se destinam as intervenções urbanas, pois as cidades históricas têm em sua maioria forte apelo comunitário pelo que representam para a identidade cultural das pessoas. As intervenções devem contabilizar a necessidade de manter a dimensão pública dos espaços urbanos e promover ações que possam tornar mais democráticos os usos da cidade.

## **4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE**

### **4.1 HISTÓRICO**

A forma física de um local corresponde, em certa medida, à sua organização social e contém muitas informações sobre a sociedade.

Segundo BENEVOLO (1991), a cidade em que vivemos não é necessariamente a projeção adequada da sociedade no seu conjunto, mas um mecanismo mais rígido, que serve para retardar e apagar as transformações em todos os outros campos, a fim de fazer com que dure muito mais tempo a hierarquia dos interesses consolidados.

Inconvenientes técnicos como congestionamentos, densidades das construções, escassez de serviços ou deterioração do ambiente natural não são conseqüências inevitáveis da vida moderna, mas o preço pago para conservar uma combinação de poderes que estão em contraste com as possibilidades proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico e econômico. Sem estabelecer esta diferenciação, a qual vem da análise histórica, toda afirmação sobre a cidade pode se tornar ambígua e ineficaz. A pesquisa histórica desempenha uma função essencial neste caso: a de fazer a abordagem da situação de maneira realista.

#### **O início da cidade**

As praças escolhidas como local de projeto encontram-se em um ponto referencial muito importante na história da Curitiba: ao lado da praça Tiradentes, próximo ao Largo da Ordem e da Rua XV, além de as praças em si já terem abrigado a Casa de Câmara e Cadeia, o Mercado Municipal e o Pelourinho, além do Paço Municipal (atual Paço da Liberdade). A seguir, analisam-se alguns aspectos da evolução urbana da cidade.

OBA (1998) descreve que a criação de passeios com a introdução de meio-fio acontece na cidade de Curitiba somente em 1861, em seguida nomatizou-se a circulação de pessoas, veículos e montarias. A Câmara deixou a cargo dos proprietários calçar as frentes de suas propriedades e com o aumento de atividades culturais, comerciais e sociais, boa parte dos esforços (e do orçamento) da Câmara

foram direcionados à pavimentação urbana para atender as reivindicações da população que buscava uma nova forma de lazer urbano: o passeio.



FIGURA 25 - Mapa de Curitiba em 1875.

Fonte: OBA, 1998.

A iluminação pública até o início do século XIX era algo raro. A escolha dos locais era criteriosa, revelando as prioridades e a intenção de valorizar certos elementos, como os prédios públicos, enquanto deixava, intencionalmente, outros de lado (locais mal freqüentados ou mal cuidados). Basicamente a iluminação pública da época se restringia à Casa de Câmara e Cadeia e ao Pelourinho, o que, segundo OBA (1998), pode-se interpretar como uma certa intenção de teatralização do poder,

bem como de obscurecer as partes negativas da realidade, as quais atrapalhavam a construção do novo mundo idealizado.

Mais tarde os lampiões foram lentamente surgindo em outros prédios públicos da cidade, uma iluminação rudimentar feita à óleo ou cera. Era uma iluminação muito dispendiosa para o poder público. Em dezembro de 1886 foi instalada a primeira lâmpada elétrica no Passeio Público, porém como demonstração.

Somente em 1892, com o funcionamento do termo-gerador na Praça Eufrásio Correia, que se torna realidade a iluminação pública elétrica. Em 1928 passaria para o controle da Cia. Força e Luz do Paraná (mais tarde, COPEL).

Já a arborização no meio urbano não era cogitada até o século XIX e se restringia aos quintais, atrás dos muros. Somente por volta de 1873 ganhou força com a associação à idéia de salubridade.

## **Os marcos coloniais**

Percorrendo a evolução histórica da Praça Tiradentes e seu entorno próximo, percebemos que a Câmara Municipal sempre tentava construir este espaço urbano central: reparou e reconstruiu a Matriz, reformou e buscou novos espaços para a Casa de Câmara e Cadeia, abriu e retificou as ruas e urbanizou a praça. Cuidou também do escoamento das águas, da iluminação, do seu *aformoseamento*. Buscou espaço para o Mercado com um largo adjacente, zelando pelos alinhamentos das construções que formavam seu contorno (OBA, 1998).

Havia uma relação integrada entre os elementos referenciais que a contornavam: a Igreja Matriz, a Casa de Câmara e Cadeia, o Pelourinho e o Mercado. Muitas vezes, além de usar a Matriz para reuniões, também era tradição pedidos para o pároco de realizar cerimônias religiosas sempre que houvesse algum evento público de importância, ou seja, todos estavam envolvidos, poderes públicos, eclesiásticos, militares e a população urbana e rural. As fachadas eram caiadas e iluminadas e as ruas e praça roçadas e limpas.

Atos cívicos, religiosos e festividades em geral ocupavam a Praça da Matriz, onde também ocorriam concorrências públicas com leiloeiros, além de se expor editais e comunicações afixados no Pelourinho, o qual serviu de local de exibição pública de punição apenas de início, depois tornando-se local para fixação de comunicados oficiais.

OBA (1998) observa que cada marco referencial remete ao outro, o que faz surgir uma rede de elementos e fatos que repercutem no subconsciente da população, ajudando a formar uma imagem geral do seu quadro de vida, uma identidade não apenas visual e estática, mas concretizada, densa, dinâmica, de percursos físicos e históricos.

No caso das praças Generoso Marques e José B. Macedo, bem como do edifício do Paço e do entorno, houve algumas referências ao longo da história: o Pelourinho, o mercado municipal, o próprio Paço Municipal, o mercado de flores (que antes ficava na Praça Generoso Marques), os bondes que passavam na lateral das praças, o terminal de ônibus na década de 1980 e os pequenos comerciantes. Tudo isso cria ao longo do tempo marcos de referência e de história do local, auxiliando na compreensão de sua evolução e de como ele está impresso na memória das pessoas e da cidade.

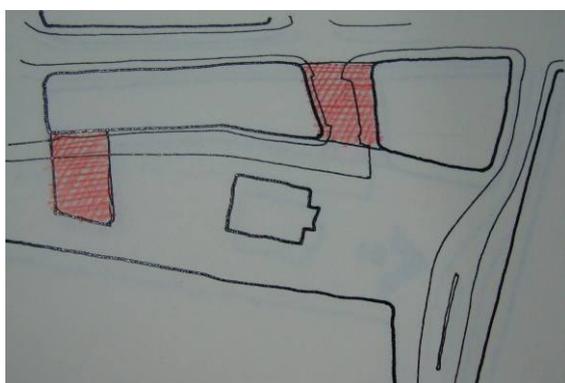


FIGURA 26 - Configuração da antiga Praça Municipal (Paço no centro).

Fonte: OBA, 1998.



FIGURA 27 - Praça Generoso Marques na década de 1930.

Fonte: OBA, 1998.

## 4.2 ENTORNO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A área escolhida para a intervenção, que compreende as praças Generoso Marques e José B. Macedo, encontra-se no bairro do Centro de Curitiba e pertence à Regional Matriz.

Possui uma relação muito próxima com a praça Tiradentes, a Rua XV de Novembro e a Rua Riachuelo. Em menor intensidade, também se relaciona com o Largo da Ordem, a Praça Santos Andrade, o Passeio Público e a Biblioteca Pública do Paraná. É uma área próxima a espaços e edificações significativas tanto do ponto de vista cultural, histórico e de patrimônio, como também comercial e de serviços, uma região de grande fluxo de pessoas e de veículos.



FIGURA 28 - Mapas de situação.

Fonte: A autora, 2009.

A atividade econômica que mais movimentava o bairro centro ainda é o comércio. Nas lojas de rua, 58% da população faz suas compras. Além disso, pesquisa recente demonstra que 37% da população almoça fora de casa (GAZETA DO POVO, 2009a). Segundo dados da SMF (2004), comércio e serviços são as atividades em maior número no centro, sendo predominantes o comércio varejista, serviços prestados à empresas, alojamento e alimentação. Na área estudada há predominância de pequenos comerciantes, como lanchonetes, vestuários, armarinhos e bijuterias, além do mercado de flores e do café nas arcadas. Vale ressaltar a proximidade com três galerias comerciais e o comércio de usados da Rua Riachuelo.

O centro conta com aproximadamente 2% da população de toda Curitiba, mas com densidade demográfica alta (98,95). O perfil do morador é de uma média de 37,41 anos de idade, sendo que a maioria está na faixa de 20 a 29 anos de idade e



ligeirinhos e o ônibus turístico (em frente à Catedral), principalmente por este ser um local do qual se tem acesso a qualquer ponto da cidade e da região metropolitana.

Pode-se observar uma grande quantidade de praças com arborização, sendo que na maioria delas há pontos de ônibus. A idéia de utilizar o espaço das praças como “terminais” não é recente: a própria Praça Tiradentes há muito tempo é local de parada de transporte coletivo, bem como outras praças também já eram utilizadas para tal fim já há muitos anos. Isto se deve à estreita relação das praças no centro (um local de ocupação já consolidada) com os pedestres e com as vias que saem para todos os cantos da cidade.

O fluxo de pedestres na região também é intenso e está intimamente ligado ao comércio e serviços ofertados durante o dia, os quais são muito variados, desde pequenas lojas até grandes redes, profissionais liberais e escritórios, shoppings, galerias e restaurantes e lanchonetes voltadas tanto ao público que vem para fazer compras e como aos que trabalham e moram na região.

Durante a noite há movimentação de estudantes, moradores e freqüentadores de bares. Há um número considerável de cafés, bares e teatros na região, os quais se concentram em sua maioria em certos eixos, como por exemplo no Largo da Ordem (bares), na Rua 13 de Maio (teatros) e Rua Comendador Araújo (restaurantes, bares e cafés).

Nos finais de semana, a movimentação se dá principalmente aos sábados na região da Rua XV e proximidades pelo comércio e eventos e atividades voltadas à população e aos domingos pelo fluxo de pessoas indo e vindo da Feira do Largo da Ordem, além de moradores da região.



FIGURA 30 - Fluxo intenso de pedestres, Rua XV de Novembro esq. Al. Dr. Muricy, durante a semana.  
Fonte: A autora, 2009.



FIGURA 31 - Bar próximo à Praça Osório.  
Fonte: A autora, 2008.



FIGURA 32 - Rua Marechal Deodoro esq. Barão do Rio Branco, em um domingo.  
Fonte: A autora, 2009.



FIGURA 33 - Movimentação próximo à Feira do Largo (atrás da Catedral), em um domingo.  
Fonte: A autora, 2009.

Com relação à legislação municipal, a área é atingida pela ZCT – Zona Central de Tráfego, a qual restringe a circulação de veículos de serviço de carga e descarga de mercadorias em geral, de mudanças, de materiais de construção e concreto e de distribuição de bebidas e gás (Decreto Municipal 934/97), com relação a horários (permitido somente fora do horário comercial, de modo geral) e somente em espaços demarcados, inclusive nas áreas de pedestres (calçadões e praças).



## 5. DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

### 5.1 DIAGNÓSTICO DO LOCAL

Construído no início do século XX e após ter sido a sede do gabinete de vários prefeitos e do Museu Paranaense, o edifício ficou fechado por alguns anos. Recentemente foi realizado um processo de restauração, bem como um projeto de renovação das duas praças do entorno. O prédio da antiga Prefeitura de Curitiba foi restaurado pelo sistema Fecomércio-Sesc-Senac e passou a abrigar a nova unidade Paço da Liberdade - Sesc Paraná.



FIGURA 35 - Projeto de revitalização da Praça Generoso Marques 1.  
Fonte: IPPUC, 2008.



FIGURA 36 - Projeto de revitalização da Praça Generoso Marques 2.  
Fonte: IPPUC, 2008.

A revitalização durou dois anos e contou com o trabalho de restauradores e técnicos, que cuidaram dos detalhes da construção. O prédio conta com salas para leitura, que disponibilizará aos visitantes, livraria, biblioteca e um espaço de internet livre; um espaço para música com um estúdio de gravação para bandas paranaenses pelo projeto Inventário Cultural, café com piano, uma sala de atos para apresentações musicais e teatrais que sejam adaptáveis a um palco pequeno; salas e audiovisual com um estúdio de arte eletrônica para criação e edição de som e vídeo, além de instalações, sala de exibição de vídeos não-comerciais, para mostras paralelas e produções paranaenses. Há também salas de exposições ocupando todo o primeiro andar, disposta a abrigar manifestações convencionais e novas mídias. Além de uma sala de atos, que pode ser ocupada por monólogos e pequenas montagens, o espaço pretende atrair, por meio de editais, peças de rua

para a praça em frente. A intenção é também concentrar no Paço, cursos nas áreas de artes e comunicação (SESCPR, 2009).

Juntamente com a reforma das praças realizada pela Prefeitura e IPPUC, este restauro faz parte do projeto maior de revitalização do centro da cidade, o qual inclui, entre outros, a revitalização realizada na Praça Tiradentes recentemente e o projeto iniciado este ano de revitalização da Rua Riachuelo.

A praça Generoso Marques recebeu canteiros de flores e espelhos d'água, restauro da estátua, troca de pisos nas áreas de circulação por piso de blocos de concreto, nova iluminação (principalmente a do edifício) e a manutenção do petit pavet original junto ao edifício. Na praça José B. de Macedo, as mudanças foram uma nova cobertura de proteção para o mercado de flores (tendas brancas), restauro da fonte e da estátua Maria Lata d'Água, troca de pisos nas áreas de circulação por piso de blocos de concreto e também manutenção do petit pavet no entorno do Paço e novos orelhões junto às Arcadas do Pelourinho.



FIGURA 37 - Praça Generoso Marques após revitalização.  
Fonte: A autora, 2009.

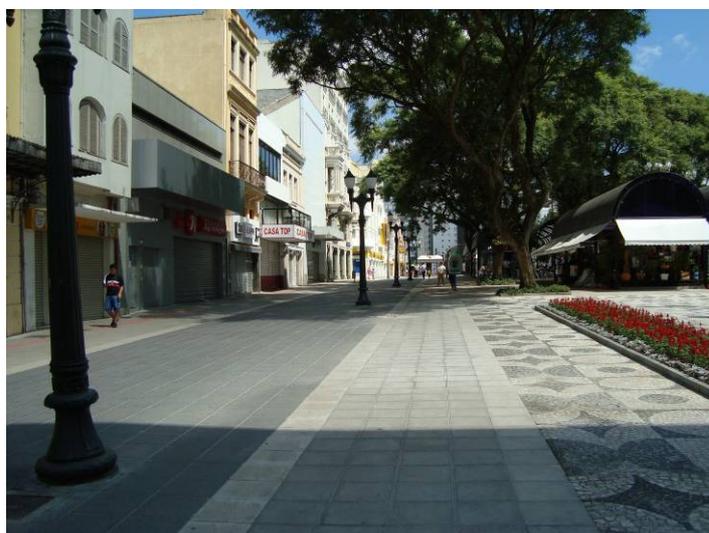


FIGURA 38 - Praça José Borges de Macedo após revitalização.  
Fonte: A autora, 2009.

Com relação ao mobiliário, os bancos foram feitos como molduras dos canteiros de flores que estão no meio da Praça Generoso Marques. Também foram renovados os postes de iluminação e feita uma iluminação cênica para o edifício. Enquanto em ambas as praças há somente uma lixeira, nota-se um exagero ao se

colocar vários orelhões ao lado das Arcadas. Estas foram restauradas e foi feita a troca dos toldos no mercado de flores.

De modo geral, a revitalização realizada pela Prefeitura e IPPUC no espaço público foi extremamente funcional, não leva em consideração a oportunidade de recriar um ambiente (social e psicológico) para os usuários do local e de todos que circulam pelo centro da cidade.

A revitalização da Praça Tiradentes pode ser avaliada como muito positiva, pois esta já possuía um grande número de usuários, inclusive aos finais de semana, devido sua proximidade com o Largo da Ordem e por possuir vários pontos de ônibus em seu entorno, além de contar com uma parada do ônibus turístico e da presença da Catedral da cidade. Já a revitalização da Rua Riachuelo que está para ser implantada, também pode servir de base para complementar um projeto mais refinado para o espaço do entorno do Paço da Liberdade e do centro como um todo, não apenas com intervenções pontuais.

É de extrema importância considerar o novo público que passará a frequentar o Sesc, trazendo este por si só maior movimentação, principalmente na Praça Generoso Marques, onde está o acesso principal do edifício. O fluxo que antes era somente de passagem (em direção ao Centro Cívico, ao Largo da Ordem ou Rua XV) agora poderá contar com pessoas que, se for propiciado um bom espaço público, permanecerão por mais tempo ali.

## 5.2 METODOLOGIA DE PROJETO

Segundo GEHL (2006), o mundo digital, indireto, não pode substituir o contato direto com outras pessoas, bem como a sociedade à sua volta. Isto pode ser encontrado em um espaço público com uso multifacetado, de boa qualidade. A resposta universal é que quando a qualidade é fornecida, as pessoas vêm para o espaço.

Acesso a outras pessoas e possibilidades de experiência e recreação, entre outros, possuem grande demanda nas cidades atualmente. Tais oportunidades têm papel importante para apoiar e fortalecer as políticas globais para sociedades amigáveis, humanas, abertas, democráticas e seguras.

A metodologia de projeto busca ser clara e objetiva, através de um processo investigativo e analítico, analisando na primeira etapa todo o material humano e teórico e servindo de embasamento para o processo de projeto na segunda etapa. Este processo de design e detalhamento do espaço público deve levar em consideração três temas principais:

### **Proteção**

- Proteção contra tráfego e acidentes, proteção contra crimes e violência (vida da rua, pessoas que a olham, sobreposição de funções);
- Proporcionar sensação de segurança e pertencimento;
- Proteção contra experiências sensitivas desagradáveis (vento, chuva, calor ou frio, poluição, poeira, sujeira, barulho).

### **Conforto**

- Possibilidades para andar (espaço para andar, fachadas interessantes, boas superfícies e sem obstáculos);
- Possibilidades para ficar de pé (cantos atrativos, lugares bem definidos para ficar, suportes para apoiar);
- Possibilidades de sentar (áreas para sentar, bancos para descanso, maximizar possibilidades para sentar-se);
- Possibilidades para ver (distâncias para observar, vistas interessantes, visual não escondido, boa iluminação noturna);

- Possibilidades para ouvir e conversar (nível de barulho baixo, arranjos de bancos, áreas de conversa);
- Possibilidades de jogar ou desdobramento de atividades (convite a atividades físicas, jogos, entretenimento durante o dia/noite e verão/inverno).

### **Apreciação**

- Escala (dimensões dos prédios e espaços, levando em consideração as dimensões humanas ligadas aos sentidos, movimento, tamanho e comportamento);
- Possibilidades de lazer baseadas em pontos positivos do clima (sol/sombra, aquecer/refrescar, brisa/ventilação);
- Qualidades estéticas e experiências sensoriais positivas (bom design e bom detalhamento, vistas e visuais, presença de árvores, plantas e água).

### 5.3 PROGRAMA BÁSICO

O programa deste anteprojeto de paisagismo urbano conta com itens propostos a partir da análise da realidade, da recente reforma na área do entorno do Paço e do referencial teórico apresentado para a ocupação do espaço público pelas pessoas. A seguir, os principais pontos levantados para realizar a intervenção:

- 1) Retirada da estrutura das arcadas e poda das árvores na Praça José B. Macedo: “limpar” a vista do paço a partir da Praça Tiradentes, melhorar a visibilidade física e psicológica tanto do edifício quanto das praças do seu entorno e das pessoas que por ali passam;
- 2) Relocação do mercado de flores: liberar o miolo da Praça José B. Macedo e aproveitar o fluxo de pedestres das laterais, tornando o mercado mais convidativo para as pessoas pararem e comprarem, bem como aproveitar a beleza natural das flores no espaço;



FIGURA 39 - Vista do Paço (ao fundo): a partir da Pç. José B. Macedo.  
Fonte: A autora, 2009.



FIGURA 40 - Mercado de flores.  
Fonte: A autora, 2009.

- 3) Aproveitamento de fluxos de pedestres nas bordas das praças: criar locais para sentar, ficar, contemplar, descansar;
- 4) Desenho de mobiliário urbano específico: reavaliação das necessidades e do mobiliário existente;
- 5) Relocar os banheiros públicos: inserir no piso térreo de um dos edifícios;

- 6) Criar novo café: estreitar relação com o Sesc e aproveitar grande fluxo de pessoas entre Praça Tiradentes e Rua XV;
- 7) Criar uma área para eventos temporários na Praça Generoso Marques: possibilidade de montagem de espaços cobertos, feiras livres e de artesanato, utilizando uma base modular e estruturas desmontáveis;
- 8) Fechar a rua lateral à Praça José B. Macedo: acesso restrito de veículos, por meio de piso diferenciado, mas no mesmo nível de pedestres.
- 9) Criar área de cinema e exposições ao ar livre: aproveitamento do paredão cego para criar uma extensão das atividades do novo Sesc do Paço da Liberdade e também do meio alternativo em que está inserido (proximidade com os brechós da Riachuelo, do Largo da Ordem, do próprio centro antigo da cidade);
- 10) Legislação como incentivo para os proprietários de edificações: incentivo de redução de IPTU para os proprietários que entrarem no programa de recuperação, restauro e manutenção das fachadas dos edifícios que emolduram as praças, valorizando também o pequeno comerciante local;



FIGURA 41 - Paredão cego próximo ao Paço e rua a ser parcialmente fechada.  
Fonte: A autora, 2009.



FIGURA 42 - Fachada de comércio degradada.  
Fonte: A autora, 2009.

- 11) Criação de evento aos sábados ou domingos: fechamento da Rua Riachuelo para o tráfego de veículos e uso exclusivo para pedestres circularem e comprarem nos brechós e lojas de móveis usados.
- 12) Parceria público-privada: o poder público deve buscar uma parceria tanto para a reforma da área quanto para assumir a manutenção do espaço,

como acontece no Jardim Botânico, em Curitiba ou no Projeto Adote uma Praça, em São Paulo.



FIGURA 43 - Croqui da área de intervenção escolhida.

Fonte: A autora, 2009.

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, ao mesmo tempo em que em nossas vidas há um estímulo ao individualismo, também o coletivismo assume proporções além de nossa compreensão (HERTZBERGER, 1999).

Devemos tentar lidar com esses fatores, mesmo que a função do arquiteto não passe de uma influência nos aspectos fundamentais de mudança social, criando condições para uma área mais viável à vida pública onde quer que seja possível.

Esta pesquisa visa embasar o projeto a ser desenvolvido na próxima etapa, através de um desenho urbano humanizado, considerando o espaço urbano na sua totalidade, com aspectos como acessos e ligações, conforto e imagem, usos e atividades e sociabilidade.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, S. L. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume, 2008.

BENEVOLO, L. **A cidade e o arquiteto**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CAMPUS VENUTI, **La terza generazione dell'urbanistica**. In: ZANCHETTI, S. M. Conservação integrada e planejamento urbano na atualidade. São Paulo: NERU, 2003.

CANTER, D. **Psicologia del Lugar**. México: Concepto, 1977.

CASTILHO, A. L. de & VARGAS, H. C. (org.). **Intervenções em centros urbanos – objetivos, estratégias e resultados**. São Paulo: Manole, 2006.

DEL RIO, V. **Em busca do tempo perdido**. In: Arquitectos. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp028.asp>>. Acesso em: 11.maio.09. Artigo publicado em 1999.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

GABRIEL, L.C. **A problemática do espaço público na cidade contemporânea**. In: Diário da cratera urbana. Disponível em: <<http://crateraurbana.blogspot.com/2008/01/cidade-e-espao-pblico-pt-i.html>>. Acesso em: 15.abr.09. Artigo publicado em 2008.

GAZETA DO POVO. **Retrato da Grande Curitiba**. 4 cadernos. Curitiba: 2009a.

GAZETA DO POVO. **De portas abertas, Rua Riachuelo começa a mudar**. In: Economia. Curitiba: 14/07/2009.

GAZETA DO POVO. **Presente de aniversário com cara de Europa**. In: Vida e Cidadania. Curitiba: 27/03/2009.

GEHL, J. **La humanización del espacio urbano**. Barcelona: Reverte, 2006.

GEHL, J. & GEMZOE, L. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

GEHL, J. **Towards a fine city for people**. Londres: Gehl Architects, 2004.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBGE. **População dos municípios brasileiros**. 2007.

JEUDY, H-P. **Ética e globalização: o futuro das cidades**. Disponível em: <<http://www.tecto.com.br>>. Acesso em 26.maio.09. Artigo publicado em 2000.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: UNB, 1996.

LEITE, R. P. **Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo**. Campinas: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2001.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MACEDO, S. S. **Espaços livres**. São Paulo: FAUUSP, 1995.

MAGNOLI, M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução aos aspectos da paisagem metropolitana**. São Paulo: FAUUSP, 1983.

MARICATO, E. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias**. In: A cidade do pensamento único. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, C. M. G. **Revitalização, habitação em áreas históricas e a questão da gentrificação**. In: Gestão do Patrimônio Cultural Integrado. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2002.

MORENO, J. **O futuro das cidades**. São Paulo: SENAC, 2002.

OBA, L. T. **Os marcos urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba**. São Paulo: Tese de Doutorado do Curso Estruturas Ambientais Urbanas, Universidade de São Paulo – USP, 1998.

ORTEGA Y GASSET, J. In: GOITIA, F. C. **Breve historia del urbanismo**. Madrid: Alianza, 1998.

PEÑALOSA, E. **Prólogo**. In: GEHL, J. *La humanización del espacio urbano*. Barcelona: Reverte, 2006.

RICOT, C. **La ciudad vencerá**. In: *Café de las ciudades*. Disponível em: <[http://www.cafedelasciudades.com.ar/arquitectura\\_29.htm](http://www.cafedelasciudades.com.ar/arquitectura_29.htm)>. Acesso em: 15.abr.09. Artigo publicado em 2005.

SANTOS, C. N. F. **Quando a rua vira casa**. São Paulo: Projeto, 1985.

SESCPR. **Paço da liberdade**. Disponível em: <<http://www.sescpr.com.br>>. Acesso em: 14.jun.09.

WHITE, W. H. **The social life of small urban spaces**. New York: Project for Public Spaces, 2001.

ZANCHETI, S. M., et alli. **Revitalização do bairro do Recife: plano, regulação e avaliação**. Recife: Universitária – UFPE, 1998.

ZANCHETI, S. M. **Conservação integrada e planejamento urbano na atualidade**. In: *Espaços e debates: cidade, cultura, (in)civilidade*. São Paulo: NERU, 2003.

## 7. FONTES DE ILUSTRAÇÕES

AFP. Disponível em:

<[http://www.smh.com.au/ffximage/2007/09/13/cmSIENA\\_article\\_gallery\\_\\_470x319.jpg](http://www.smh.com.au/ffximage/2007/09/13/cmSIENA_article_gallery__470x319.jpg)>, 2007.

ARAÚJO, G. Disponível em:

<<http://genilsonaraujo.files.wordpress.com/2009/03/pelourinho-foto.jpg>>, 2009.

CONEXÃO. Disponível em: <<http://dalpestanda.files.wordpress.com/2009/03/placa-dels-paisos-catalans.jpg>>, 2009.

DEL RIO, V. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990.

ELBAZ, A. Disponível em:

<<http://www1.cs.columbia.edu/~arielbaz/NewYorkInPhotos/barcelona/Barcelona%20-%20Placa%20Reial%201.JPG>>, 2006.

ENFOCADO. Disponível em: <<http://www.enfocado.com/?foto=14>>, 2005.

FLICKR. Disponível em:

<[http://farm1.static.flickr.com/27/50719192\\_f726f17caa.jpg](http://farm1.static.flickr.com/27/50719192_f726f17caa.jpg)>, 2009.

GEHL, J. La humanización del espacio urbano. Barcelona: Reverte, 2006.

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Projeto 3D – Marco Zero, 2008.

MANGUETOWN. Disponível em:

<[http://3.bp.blogspot.com/\\_\\_\\_qTliCdu1il/Sbj93PbwRKI/AAAAAAAAABeA/Y6FYzJZ-OZ8/s1600-h/recife+antigo.jpg](http://3.bp.blogspot.com/___qTliCdu1il/Sbj93PbwRKI/AAAAAAAAABeA/Y6FYzJZ-OZ8/s1600-h/recife+antigo.jpg)>, 2009.

MONUMENTA. Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br/site/?p=53>>, 2009.

NOGUEIRA, C.N. Foto tirada em 2007.

NO TIME FOR BLOGGING. Disponível em:

<[http://photos.notimeforblogging.com/images/A\\_4/3/1/2/12134/mykzlk5.JPG](http://photos.notimeforblogging.com/images/A_4/3/1/2/12134/mykzlk5.JPG)>, 2006.

OBA, L. T. **Os marcos urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba**. São Paulo: Tese de Doutorado do Curso Estruturas Ambientais Urbanas, Universidade de São Paulo – USP, 1998,

O OLHO INTERATIVO. Disponível em: <[http://blog-br.com/olho/43626/\\*+RECIFE+ANTIGO+VIBRA+CULTURA+PERNAMBUCANA:+Aos+Domigos,+Artes+em+geral,+Comidas+t%EDpicas,+Patrim%F4nio+Cultural+Din%E2mico!.html](http://blog-br.com/olho/43626/*+RECIFE+ANTIGO+VIBRA+CULTURA+PERNAMBUCANA:+Aos+Domigos,+Artes+em+geral,+Comidas+t%EDpicas,+Patrim%F4nio+Cultural+Din%E2mico!.html)>, 2008.

PANORAMIO. Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/6607754>> 2007.

PMC - PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Lei nº 9800/00.

SHANKBONE, D. Disponível em:

<<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:BirdsEyeRockPlazaNYC.jpg>>, 2006

TRAVEL WEBSHOTS. Disponível em:

<<http://travel.webshots.com/photo/1162208061047563296smyGpF>>, 2004.

TRAVEL WEBSHOTS. Disponível em:

<[http://image50.webshots.com/50/7/29/82/387272982gSxHPF\\_ph.jpg](http://image50.webshots.com/50/7/29/82/387272982gSxHPF_ph.jpg)>, 2005.

VITRUVIUS. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc182/mc182.asp>>, 2007.

WORLD TRAVEL IMAGES. Disponível em:

<<http://www.worldtravelimages.net/Barcelona.htm>>, 2004.